

# **QUANDO O SOFRIMENTO SE OBJETIVA: Automutilação e tentativa de suicídio entre jovens estudantes em São Luís / MA<sup>1</sup>.**

*Karlene Carvalho Marinho de Araújo/UFMA/MA*

**Palavras chave: Automutilação, jovens, Suicídio**

## **INTRODUÇÃO**

O suicídio é um fenômeno que ocorre em todas as regiões do mundo, estima-se que, anualmente, mais de 800 mil pessoas morram por suicídio e, a cada adulto que se suicida, ao menos 20 atentam contra sua própria vida<sup>2</sup>. Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2017, p.1) no período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocada, dos quais 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos, representando 6% das mortes violentas no Brasil. Este informativo apontou aumento de 10% nas taxas de suicídio entre 2011 e 2017, sendo que o maior aumento ocorreu entre 2016 e 2017.

No caso do Maranhão, de acordo com O Boletim Social - Prevenindo o Suicídio, as lesões autoprovocadas, corresponderam a 10,3% das notificações de violência, no período de 2011 a 2017. De acordo com o documento, observou-se um aumento no número de lesões autoprovocadas tanto no Maranhão como no Nordeste, entre 2011 a 2017.

Diante desse cenário em 2019 entrou em vigor a Lei Federal 13.819/2019, a qual instituiu a Política de Nacional Prevenção da Automutilação e do Suicídio a ser implementada pela União, numa rede de cooperação entre os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Nela definiu-se violência autoprovocada como um problema de saúde Pública. Concomitante a essas Políticas Públicas, as escolas, enquanto espaço de agregação dos chamados grupos de risco de jovens, entre 15 e 20 anos, precisaram desenvolver políticas de prevenção e debate acerca do tema.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. Suicídio: saber, agir, prevenir. Ministério da Saúde, v. 48, n. 30, 2017.

Frente ao debate nacional e também municipal, a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão, Colun/UFMA, através do seu Núcleo Técnico Pedagógico, resolveu propor a criação de um grupo de trabalho chamado *Habraços pela vida*, que ajudou a *desenvolver* na escola um conjunto de atividades voltadas para a discussão e problematização dessa temática a partir de demandas que foram surgindo no espaço escolar. Tendo como proposta discutir o tema e estimular uma conscientização estimulando a prevenção e o enfrentamento no espaço escolar

A partir dos debates propostos pelo grupo de trabalho *Habraços*, o tema suicídio e automutilação ganhou visibilidade e dessa forma enquanto pesquisadora e professora pude aproximada do tema e colocada diante de dados construídos pela própria escola, que mostravam um número cada vez maior de jovens que estavam atentando contra sua própria vida.

Face a essa realidade, passei a cogitar na possibilidade de elaborar uma pesquisa sobre o ato da automutilação e da tentativa de suicídio, buscando verificar se há ou não conexões destes fenômenos com alguns fatores sociais. Assim procedendo, avaliei que poderia problematizar as análises ligadas apenas à explicações dessas práticas pelo viés individual, que, em geral, muitas vezes suprime a relação do indivíduo com a coletividade.

A partir dessa ideia, busco submeter o fenômeno da automutilação juvenil, e tentativas de suicídio ao crivo de uma análise das Ciências Sociais. Buscando uma possível explicação a partir da relação entre os aspectos individuais com aspectos sociais e antropológicos, com isso, talvez possamos descobrir que fatores influenciam e levam aquelas pessoas (alunos) a perpetrarem tais atos contra si. Um dos objetivos desse texto está relacionado principalmente a tentativa de colocar em plano de análise uma temática que tem sido tão sublimada pelos estudos das Ciências Sociais nos últimos anos.

O texto foi dividido em duas partes na primeira faço um relato do início de trabalho de campo e a forma como a pesquisa tem se organizado, ainda em sua fase inicial este trabalho está em processo de construção e de elaboração, portanto, ainda apresenta algumas fragilidades. No segundo momento o texto traz uma apresentação bibliográfica circunscrita a partir das análises propostas pelas ciências sociais.

## **Como tudo começou: Início do Trabalho de campo.**

Durante o chamado Setembro Amarelo<sup>3</sup>, do ano de 2019, o Colégio Universitário<sup>4</sup>, COLUN/UFMA, através do seu Núcleo Técnico Pedagógico<sup>5</sup> (NTP), propôs junto aos professores, um calendário de discussão e debates sobre a temática suicídio e transtornos emocionais: ansiedade e depressão.

Era um contexto em que o NTP estava recebendo um número expressivo de alunos que já havia atentado contra sua própria vida, desafiado pela demanda crescente, o Núcleo Técnico Pedagógico então resolveu propor a criação de um grupo de trabalho, cuja função seria promover um conjunto de ações que abordassem o fenômeno da violência autoprovocada. Como resultado do trabalho, foram feitas rodas de conversa, exposições de vídeos e construção de painéis com frases motivacionais, atrelado a essas ações os alunos puderam fazer seus relatos e expor suas dificuldades através de suas histórias de vida. Esses dados foram fundamentais para o início do processo de construção do objeto de estudo: A violência autoprovocada e tentativa de suicídio entre jovens matriculados na rede de Ensino Básico, mais especificamente alunos matriculados do primeiro ao terceiro ano.

Hoje podemos contar com uma variedade de estudos na área da Sociologia e antropologia da educação, ligadas principalmente a prática do ensino das Ciências Sociais no Ensino Médio, estatísticas relacionadas a desempenho escolar (Lima. 2017), práticas docentes (Neves. 2015), dinâmicas em sala de aula envolvendo o ensino das Ciências Sociais (Silva. 2015), entre outros temas. Dessa forma, podemos observar que o que acontece no cotidiano da escola tem se tornado cada vez mais estimulante aos pesquisadores das ciências sociais, cujo objeto de estudo está cada vez mais ligado as tramas sociais que organizam o espaço escolar e as relações sociais que são estabelecidas entre os indivíduos que compõem esse campo de estudo.

Ao analisar a produção das Ciências Sociais sobre educação sistematizada por Martins e Weber (2010) observamos que os autores demonstram um tipo de preocupação relacionada a violência autoprovocada, a sua análise se dá a partir da forma como se

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma campanha que teve início no Brasil em 2015, que visa conscientizar as pessoas sobre o suicídio, bem como evitar o seu acontecimento. Assim, o Setembro Amarelo é o mês dedicado à prevenção do suicídio.

<sup>4</sup> Escola de Aplicação de Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Universidade Federal do Maranhão.

<sup>5</sup> O núcleo Técnico Pedagógico é composto por psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, técnicos de alunos, e professores.

estrutura o ambiente escolar que relacionando o “mundo de dentro” com o mundo de fora” da escola mostrando que esse mundo de fora reverbera no mundo de dentro. Suas reflexões ressaltam as desigualdades sociais a trajetória desses estudantes com o foco no desempenho escolar (e profissional), relacionando-os à contextualidade familiar, comunitária e social (mundo de fora) . Mas não chegam a perceber de maneira mais profunda a sociabilidade entre os jovens e as tramas em que estão envolvidos no que se refere a pratica da auto violência ou violência autoprovocada.

A escola se apresenta como palco de socializações; formada por agentes sociais que fazem o cotidiano escolar a partir de suas trajetórias sociais, que se constroem e se legitimam nesse ambiente. Dessa forma a escola tem funcionado como pano de fundo para a manifestação de práticas de auto violência e tentativa de suicídio praticado entre o alunado.

Enquanto espaço social, a escola, se constrói a partir de uma rede de relações, onde os agentes dessa rede se apresentam, interagem e ocupam posição de extrema relevância para a construção desse espaço social. Diante da complexidade desse ambiente e de como as relações são construídas e operadas, que conflitos e adesões ensejam, são parte constituinte das questões que envolvem o ambiente escolar, Sobretudo, como os alunos, integrantes desse espaço social, têm desenvolvido transtornos emocionais que se manifestam através da violência autoprovocada, cuja frequência e impacto parecem ter afetado diretamente a organização do ambiente escolar e a prática do professor em sala de aula.

A escola, é entendida como palco dessas relações que refletem o contexto social dos indivíduos envolvidos: nela é que se vem refletir os valores e a estrutura da sociedade, na medida em que determinam o processo educativo e suas regras e formas de comportamento; ou seja, o processo educativo se organizaria no jogo entre indivíduo, sociedade e cultura, e a escola reverbera essas interações e suas tramas, outro aspecto importante está ligado as subjetividades desse individuo que compõe o alunado e as diferentes experiências que acontecem nos espaços sociais particulares que fazem parte do cotidiano desses indivíduos, como, por exemplo, nas classes sociais em que se reconhecem, em suas formas de expressão de gênero e sexualidade, nos relacionamentos afetivo-sexuais, nas religiões e nas filosofias de vida. A escola se torna então palco para a manifestação de diferentes subjetividades.

## **O que as ciências Sociais estão dizendo?**

À medida que a modernidade aprofundou as transformações sociais, que pouco a pouco se expandiu e alcançou novas regiões e povos, o suicídio passou a ser um problema em quase todos os países (Queiroz. 2017). Segundo dados atualizados, pelo último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), de 2014 a taxa mundial de suicídio atingiu o índice de 11,4 suicídios por 100 mil habitantes.

Segundo o mesmo informe mais de 800 mil pessoas se suicidam todos os anos e deveria alcançar, em 2020 1,6 milhão de mortes. No Brasil, esse recrudescimento também se faz presente. Apesar de ainda apresentarmos baixas taxas de suicídio, quando nos comparamos com outros países, já ocupamos o oitavo lugar no número de óbitos derivados de tal ato. Segundo a OMS, em 2012, 12 mil brasileiros tiraram suas próprias vidas; este número implicou num aumento de 10,5% quando comparado ao ano de 2000. Outros dados também são impactantes: no mesmo período a ocorrência de suicídios cresceu 77,7% na Região Norte do país e apresentou uma tendência de aumento de casos entre a população mais jovem.

As estatísticas de tentativas de suicídio ainda apresentam grande sensibilidade devido às subnotificações das ocorrências, de acordo com Ministério da Saúde (2017) apenas uma em cada três pessoas que tentam suicídio é atendida por um serviço médico de urgência. As lesões autoprovocadas ou autoinflingidas (tentativas de suicídio) corresponderam a 10,3% das notificações de violência, no período de 2011 a 2017.

Outra questão ligada a esse debate estão as práticas de automutilação, que tem ganhado um espaço de discussão dentro das escolas, atingindo cada vez mais um público de menos idade na maioria dos casos, a partir dos 14 anos de idade, tornando-se um grave problema de saúde pública, que ainda é subnotificado no Brasil pelas estatísticas do Ministério da Saúde.

No Brasil, questões relacionadas a comportamentos automutiladores só ganharam visibilidade como problema de saúde pública e de ordem social a partir da segunda metade dos anos 2000, período em que redes sociais e fóruns virtuais de compartilhamento de experiências autolesivas disseminaram-se rapidamente.

Jogos online de risco como “Baleia Azul”, “Jogo da Asfixia”, o “Desafio da Momo”, por exemplo, “viralizaram” fazendo sucessivas vítimas em várias partes do mundo pois que, em certas circunstâncias, fomentam atos em que as pessoas –

principalmente jovens – mutilam a si mesmo.

Este problema de a pessoa atentar contra a própria vida não é algo novo e estudos relacionados a morte também não são novidade dentro das Ciências Sociais, A antropologia clássica teve particular interesse sobre os rituais mortuários de alguns povos ( Mauss, 2003; Malinowski, 2004). Embora já existisse antes do advento da modernidade, foi a partir deste momento histórico que ele recrudescer. Não por acaso, pois surge neste mesmo contexto, as Ciências Sociais desde seus primórdios se ocupou do estudo da violência autoinfligida ligado a prática do suicídio. Isto porque, as altas taxas de suicídio, desde o século XIX, preocupava e exigia explicações de diversos setores da vida social. À época em formação, as Ciências Sociais não ficaram alheias a esse fenômeno (Queiroz, 2020, p. 542).

Dentre os pensadores clássicos, Karl Marx ao escrever sobre o suicídio, consegue transmitir uma perspectiva sinistra, graças a grande proporção que o fenômeno do suicídio representava para a sociedade francesa, em particular parisiense. Ao relacionar o suicídio com questões sociais concretas, é nos mostrado que face à moral vigente, às convenções e normas estabelecidas, às crenças religiosas, às crises financeiras, etc, o ato de se matar, para muitas pessoas, de diversas classes, era a única saída e solução possível. Ou seja, já em 1846, Marx mostrava que o suicídio também podia ser relacionado com problemas de ordem social.

Por essa mesma perspectiva, cinco décadas depois, Durkheim desenvolveu seu estudo que redundou na publicação da obra O Suicídio, em 1897. Diferente de Marx, Durkheim construiu seu próprio objeto de estudo, algo que envolveu diversos aspectos. Por um lado, além do problema social, com o estudo do suicídio buscou enfrentar a exclusividade que os estudos de psicologia detinham sobre o tema. Por outro, como corolário, teve como objetivo estabelecer o campo de estudo da sociologia (Queiroz, 2020, p. 541).

Durkheim define o suicídio como “todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado” (1982, p. 16) e acrescenta, delimitando claramente seu objeto de análise: o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte não deve ser considerado” (1982,p.16).

A hipótese de Durkheim é que, se em lugar de olharmos para o suicídio como algo isolado, o vemos como um fato social, nele teremos inúmeras informações

sociais e culturais, devendo, portanto, ser tratado de forma coletiva, indo do todo às partes.

No entanto, apesar do clássico estudo de Durkheim e dos números crescentes dos suicídios entre nós, as Ciências Sociais brasileira tem dedicado pouca atenção ao problema. Atualmente no cenário Brasileiro esses estudos tem ficado sob responsabilidade de um número escasso de pesquisadores, para Queiroz (2021), estudos preliminares demonstram a escassez de registros nas principais plataformas de pesquisa, essa constatação não é muito difícil quando verificamos que:

*No portal Scielo,( ...) quando digitamos a palavra “suicídio” temos como resultado 295 artigos científicos. Destes, somente seis podem ser considerados estudos próximos ou relacionados às Ciências Sociais; quatro deles adotam uma perspectiva sociológica(...) mas foram publicados em periódicos da saúde e têm três de seus autores que são especialistas nessa área<sup>18</sup>. O sexto artigo, O suicídio como forma de ação política e social no ceticismo de Montaigne e Hume, de Cesar Kiraly, que não se trata especificamente de um estudo sobre morte voluntária, foi publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS). Aliás, esse é o segundo exemplo, se tomarmos em conjunto cinco de nossas revistas cadêmicas – Sociedade e Estado, Cadernos CRH, Sociologias, Tempo Social e RBCS – disponibilizadas em seus respectivos sites, que cobrem mais de 30 anos, encontramos ao todo 331 números em que somente um único e recente artigo tem como objeto o fenômeno do suicídio no Brasil. Em contrapartida, a grande maioria dos textos, que trata do suicídio e se encontra no Scielo, é da área médica: são de revistas de psicologia, psiquiatria, psicopatologia, medicina, enfermagem, saúde pública, epidemiologia etc (Queiroz, 2020).*

Um outro aspecto ligado a discussão sobre o suicídio na contemporaneidade é o das *tentativas*: a diversidade de comportamentos autolesivos, a autoviolência. O próprio clássico O Suicídio vai nesta linha, pois, na delimitação do objeto, Durkheim deixa as tentativas de fora. Talvez, esse procedimento de deixar de fora atos das pessoas que atentavam contra a própria vida sem efetivar o objetivo perseguido se explique em razão de, naquela época, não serem registrados pelos órgãos governamentais.

Contudo, em 1930 em **As Causas do Suicídio**, passando em revista o estudo de Durkheim, Maurice Halbwachs dedica um capítulo de seu livro, o terceiro, às tentativas de suicídio. Inicialmente, como um dos principais colaboradores de Durkheim, Halbwachs chama atenção que, até fins do século XIX, as tentativas de suicídio não eram objeto de registro pelos diversos países europeus. A partir do início do século seguinte houve uma mudança: as tentativas passam a ser alvo de preocupação. Isto porque, segundo o autor, “podemos afirmar que, em geral, há uma visível relação entre os suicídios consumados e as tentativas: tanto estes como aqueles aumentam ou diminuem ao mesmo tempo” (HALBWACHS. 2002).

Aqui, a automutilação, auto violência, algo muito comum nos dias de hoje, principalmente entre os jovens, não entrava no rol das tentativas de suicídio; por tentativa se entendia unicamente como aquele ato em que a pessoa buscava tirar a vida, mas não se consumou. Este parâmetro serve para que o autor faça uma análise comparativa do suicídio entre homens e mulheres. Apesar dos dois sexos tentarem “quase com a mesma frequência se matar” (IBIDEM, p. 55), qual a explicação dos suicídios masculinos serem bem maiores que os femininos? E por que as mulheres são em maior número nas tentativas? As respostas para as duas perguntas se encontrariam nos meios escolhidos para tirar a vida: enquanto os homens escolhem meios mais letais, com menos probabilidade de sobrevivência, “a maioria das mulheres usa meios e instrumentos imperfeitos para cometer suicídio, o que deixa mais possibilidades de escapar da morte” (IBIDEM); o caso das mulheres que recorrem ao envenenamento, por exemplo, permite com muito mais frequência que o suicídio seja abortado (IBIDEM, p. 59), o que não se passa no uso da arma de fogo, meio preponderantemente utilizado pelos homens.

No estudo de Halbwachs o que mais se aproxima das atuais autoviolência e mutilação por parte das pessoas são os atos que simulam o suicídio. Aqui, apesar de ser uma atitude mais das mulheres, esse ato seria preponderantemente juvenil. Ou seja, ao invés de efetivas tentativas, crianças e adolescentes apresentavam uma grande quantidade de simulação do suicídio (IBIDEM, p. 60).

### **Automutilação e Tentativas de suicídio entre jovens.**

Fundamentado em dados cada vez mais robustos, estudos sociológicos mais recentes também não deixam de voltar sua atenção para o fenômeno das tentativas de



suicídio. Não só! Em alguns casos, tratam também de discutir e explicar o ato de automutilação, principalmente entre os jovens.

Segundo Jarosz, por exemplo, este é um estudo sociológico do ato suicidário particular, pois que não leva a morte (Jarosz. 2005). De acordo com a autora, que estudou tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes polonesas, os atos de autodestruição são um sinal da alienação do meio familiar, profissional, social que refletem a frustração em desempenhar determinado papel social. Por isso a importância em observar o fator social como pano de fundo dos comportamentos autodestrutivos, expressos nas automutilações e, conseqüentemente, nas tentativas de suicídio.

De acordo com esse estudo entre crianças e adolescentes da Polônia, os comportamentos suicidas eram preocupantes pois eles apontavam uma tendência ao aumento, não apenas lá, mas também em outros países, de grupos suicidas cada vez mais jovens. Algo que já podemos observar aqui no Brasil. Segundo o artigo *Violência autoinfligida por crianças e adolescente em um município do interior paulista*, no mundo cerca de 900 mil pessoas morrem em decorrência do suicídio, o equivalente a uma morte a cada 40 segundos e uma tentativa a cada três segundos. No ano de 2016, em nível mundial, foi dado como a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos.

O suicídio de crianças e adolescentes, desde a década de 80, segundo Jarosz (2005) está em constante progressão a nível mundial, o que aponta para uma intensificação de comportamentos suicidas. No Brasil, segundo o Boletim Epidemiológico (2019), no período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocadas, dos quais, 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos. O perfil destes jovens, com notificação de violência autoprovocada, mostra que eram predominantemente brancos, (47,5%), esses jovens era majoritariamente do sexo masculino (79,0%), com 4 a 11 anos de estudo (58%,2).

Esses dados mostram como a adolescência e a juventude são fases marcadas por constantes mudanças de ordem psicológica, física e/ou social, nas quais o indivíduo passa por diversos conflitos e ambivalências. Nesse momento, adolescentes e os jovens também estão desenvolvendo estratégias para lidar com seus problemas existenciais, como compreender o sentido do viver e do morrer e, assim, os atos de autoviolência/automutilações e ideias suicidas podem aparecer como parte do processo, refletindo apenas a busca pela própria identidade. Esta realidade, além dos aportes

teóricos já elaborados e aqui citados, requer uma pesquisa sociológicas que seja capaz de elucidar essa situação por que passa atualmente nossa população jovem.

De acordo com o Boletim epidemiológico (2022) O número total de óbitos por suicídio registrados na população de adolescentes no período de 2016 a 2021 foi de 6.588. Observa-se que o suicídio foi mais frequente em adolescentes entre 15 e 19 anos (84,4%), do sexo masculino (67,9%) e em pretos/pardos (56,1%). O meio de agressão utilizado com maior frequência foi o enforcamento (76,1%) e verifica-se o domicílio como local de maior ocorrência de óbitos (63,4%). Em relação às taxas de mortalidade por suicídio, verificou-se um aumento dessas taxas entre 2016 e 2019, de 2,74 por 100 mil para 3,90 por 100 mil adolescentes. No ano de 2020, ano de início da pandemia do covid-19 no Brasil, a taxa foi de 3,82, e em 2021 foi de 4,02 por 100 mil.

### **Considerações finais:**

Essas taxas servem para mostrar a relevância da tematica em questão, como havia destacado na introdução nossa pesquisa ainda está em processo de construção e levantamento de dados através do trabalho de campo, por se tratar de um tema ainda cheio de tabus, o levantamento de dados tem sido feito de forma lenta, no entanto esse dado se torna relevante para a propria pesquisa pois ressalta as diversas representações ligadas ao tema do suicidio e da automutilação.

No ambiente escolar se torna uma tema mais delicado ainda, em algumas escolas o acesso e coleta de dados não pode ser realizado, a medida que a pesquisa é apresentada as portas são fechadas.

Os aspectos sociais são relevantes para o entendimento da objetivação da ação suicida e da automutilação, quais sofrimentos e quais aspectos podem ser considerado, temos um campo de trabalho extremamente denso e de difícil acesso, mais que precisa ser explorado pelas ciencias sociais.

### **REFERÊNCIAS:**

BEAUD, S. WEBER, F. **Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovoada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018**. Ministério da Saúde, v. 50, n. 24, set. 2019. Disponível em:

<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suicidio-24-final.pdf>.  
Acesso em: 10/dez/2022

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Suicídio: saber, agir, prevenir. Ministério da Saúde**, Brasília; v. 48, n. 30, 2017. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>. Acesso em: 02/dez/2023

Boletim Social do Maranhão. **Suicídio no Maranhão: Informação em defesa da vida**, Vol.01, n.1, 2019 Disponível em: [https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/BOLETIM\\_SOCIAL\\_DO\\_IMESC\\_2019.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/BOLETIM_SOCIAL_DO_IMESC_2019.pdf). Acesso em: 10.dez.2023

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CANDIDO FP, VIEIRA MR, RODRIGUES AF. **Violência Autoinfligida por Crianças e Adolescentes em um Município do Interior Paulista**. Rev. Soc. Bras. Enferm Ped. 2021;21(2):133-40.

CARVALHO . J. L; QUEIROZ. J.B; STEINER.P. Ciências Sociais e Suicídio: Revisitando os clássicos e estudos atuais. **Revista pós Ciências Sociais, São Luis**, v.18, n.3,p.417-430, set/dez, 2021.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

COELHO, Maria Cláudia e REZENDE, Cláudia Barcellos. O campo da antropologia das emoções. In: Maria Cláudia Coelho e Cláudia Barcellos Rezende (Org.) **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 7-26, 2011.

CYRIL, Lemieux. Problematizar. In: PAUGAM, Serge. (Org.) **A Pesquisa Sociológica**. Petrópolis, Vozes, 2015, p. 33-51

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

EMERIQUE, Raquel Balmant. Ciências Sociais e Educação Básica: A quantas anda esse relacionamento? In: Silva Fiorelli Ileizi. Gonçalves, Danyelli Nilin (orgs). **A Sociologia na Educação Básica**. São Paulo.2017.

FILHO, Juarez Lopes de Carvalho. O ensino de sociologia como problema epistemológico e sociológico. In: **Revista Educação e Realidade**. Jan/Mar, p. 59-80

HALBWACHS, M. *Les tentatives de suicide* in **Les Causes du Suicide**, Paris: PUF, 2002, p. 51-66.Tradução. José Benevides Queiroz.

JAROSZ, M. *Tentatives de suicide d'enfants et d'adolescents* in **Suicides**, Paris: L'Harmattan, 2005, p. 106-119. Tradução José Benevides Queiroz.

LIMA, Alexandre j. Correia. A sociologia nas matrizes curriculares do Ensino Médio e no ENEM: Temas teorias e conceitos. in: Silva, Fiorelli Ileizi. Gonçalves, Danyelli Nilin (orgs). **A Sociologia na Educação Básica**. São Paulo: 2017.

MARTINS, C, B; WEBER, S. Sociologia da Educação: democratização e cidadania. MALINOWSKI, Bronislaw. Magic, Science and Religion, In: ROBBEN, Antonius C.G.M. (Ed.). *Death, Mourning, and Burial: A Cross-Cultural Reader*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

MARX, Karl. **Sobre o Suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Centauro, 2004.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 542p

MEDEIROS, C. C. de. **Habitus e corpo social: Reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu**. Movimento, Porto Alegre, v.17, nº01, p. 281-300, janeiro/março 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública**. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 1998, pp. 421-428.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Suicídio: saber agir e prevenir**. **Boletim epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil**. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2017. Disponível em:

<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017>. Acesso em: 10.12.2022

NEVES, Ana Beatriz Maia. **Sociologia no ensino Médio: Com que “roupa ela vai?”** In: HANDFAS, Anita, MAÇAIRA, Julia Polessa, FRAGA, Alexandre Barbosa (Orgs). **Conhecimento Escolar e Ensino de Sociologia: Instituições, práticas e percepções**. Rio de Janeiro. 2015

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**, 1998, vol.07, pp. 42-56.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros**. Genebra, Organização Mundial de Saúde, 2006. Disponível em <https://www.saude.df.gov.br/documents>: Acesso em: 06.06. 2022.

QUEIROZ, José B. A sociologia de Durkheim no Brasil. In XVIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2017, Brasília. Anais eletrônicos, disponível em: <https://sbsociologia.com.br/congressos/anais-de-congressos/>. Acesso em 06.06.2024.

\_\_\_\_\_ O Suicídio na Sociologia Brasileira Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 1453-1480.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da e PRATES, Antônio Augusto Pereira. (Orgs.). **O suicídio no Brasil contemporâneo**. Revista Sociedade e Estado. Brasília, v. 33, n. 2, 2018, pp. 565-579.

WEBER, MAX. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.